

Caça aos corpos rebeldes: Federici e Foucault entre bruxas

A rebel bodies hunting: Federici and Foucault among witches

Carolina Sarzeda Reis Couto¹

Resumo: No trabalho aqui proposto, resumimos as principais discussões feitas na pesquisa monográfica para conclusão de curso em Psicologia na Universidade Federal Fluminense. Na ocasião, optou-se por analisar alguns dos temas apresentados por Silvia Federici em *Calibã e a bruxa*. Neste livro, a autora toma a caça às bruxas como marco inaugural do capitalismo e segue demonstrando, a partir de dados historiográficos, o que significaria dizer que “a história das mulheres é a história de classes”. A obra subtítulo e localiza três vias críticas presentes em seu texto - *mulheres, corpo e acumulação primitiva* - as quais atravessam-se todas justamente no acontecimento da caça às mulheres, segundo poderemos perceber ao fazer esta discussão. Em particular, esse trabalho se interessa em analisar aquilo que a autora discute acerca do corpo. Ainda mais precisamente: como e por que suas discussões sobre o corpo resumem uma tão grande crítica ao modo como este aparece no trabalho foucaultiano. Assim, seguimos as pistas deixadas na investigação sobre a caça às bruxas na virada para a modernidade na tentativa de reiterar a questão que ela mesma propõe: o que podemos aprender, passado e presente, ao ouvir o que as bruxas têm a dizer? A partir de uma escrita que prescinde ético-politicamente da neutralidade, os textos de Federici e Foucault aparecem aqui grifados pelos afetos, acontecimentos, geografias e temperaturas do processo de escritura. Federici e Foucault, portanto, aparecerão ambos entre bruxas e serão por elas inquiridos. O mapeamento dessas ressonâncias, finalmente, nos dará lastro corporal e teórico para as tensões entre os dois autores de modo a fazer emergir novas palavras, novas leituras conceituais e, sobretudo, novos corpos e fragmentos de corpos que possam sustentar o peso das bruxas resistindo às fogueiras.

Palavras-chave: Caça às bruxas; Disciplina; Trabalho reprodutivo; Acumulação primitiva; Feminização; Processos de subjetivação.

Abstract: The present paper summarizes the main discussions held throughout a previous work, the last being a final project in conclusion of the degree in Psychology at Universidade Federal Fluminense. At the time, some of the subjects presented by Silvia Federici in *Caliban and the witch* (unpublished in a Portuguese edition until 2017) were privileged in our analysis. In the book, the author places witch-hunting as the initial point of capitalism and therefore demonstrates, by historical data analysis, how “women’s history is class history”. Her work maps out three critical threads which will appear - not as sheer coincidence - as *Caliban and the witch’s* subtitle: *women, body and primitive accumulation*. It is precisely in the event of witch-hunting these three threads will cross over. This paper intended particularly to analyse the contribution of Silvia Federici to the matter of the body. More specifically, why and in which way this matter when taken by Federici will set, as we read in the book, a critique against Foucault. That being said, we will then retrace some steps women-hunting suggest us in the transition to Modern Ages, trying most importantly to remake the very question the event proposes: what can we learn, past and present, listening to what witches say? Both Federici and Foucault discussions will appear outlined by the affects, events, cartographies and fevers of my own writing process, since we build this project on deviating research neutrality by an ethico-political choice. Both Federici and Foucault will meet witches and will be then inquired by them. As a result of the suggested process, we may find significant corporeal and theoretical assets to face the problems earlier mentioned. As a conclusion, words and some new conceptual readings will emerge and, finally, we may notice new bodies or body fragments looming to witness witches resisting to the fire.

Keywords: Witch-hunting; Discipline; Reproductive work; Primitive Accumulation; Feminization; Processes of subjectivation.

¹ Psicóloga pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: carolinasarzeda@gmail.com .

Introdução

Há alguns livros que, uma vez abertos, escancaram múltiplas rachaduras e caminhos desconhecidos: idas e vindas, voltas e revoltas. *Calibã e a bruxa*, de Silvia Federici, é deles. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* escreve a história da formação do mundo capitalista encarando um esquecimento sintomático das historiografias: toma como ponto de partida a caça às bruxas. Um processo que condenou e assassinou centenas de milhares de mulheres no lapso de aproximadamente três séculos da história da Europa ocidental – bem como o fez no “além-mar”, em agenciamento com a colonização, espalhando a Grande Inquisição ao Novo Mundo e territórios pelos quais a devastação europeia fez tocar. A história do extermínio dessas mulheres é usualmente contada tal como se tratasse de uma poesia folclórica, um conto infantil. Como se as fogueiras que queimaram as bruxas tivessem sido ateadas por seres fantásticos e que a carne incendiada não ardesse. Bruxas que não eram humanas assim como tudo o que perdeu a disputa contra o homem europeu, único a usufruir do estatuto humano. Por isso, reler o capitalismo a partir de seus bastidores invisíveis, como se propõe Federici, recoloca inteiramente seu processo de formação. Atravessamos os acontecimentos da transição para o capitalismo no movimento das palavras de Federici e seus aliados: páginas que recifram a história para decifrá-la novamente.

As hipóteses de Federici interrogam a história trazendo ruídos até então deixados de fora. Ler a história a partir dessas coincidências, descobrindo passagens entre um acontecimento e outro, nos faria perceber, eventualmente, que não se trata tanto de acaso como de *co-incidências*. Incidências concomitantes, pressuposições recíprocas.

Mulheres, corpo e acumulação primitiva são, logo, ferramentas essenciais para repensar o capitalismo neste trabalho realizado por Federici e estão referidos a certos pontos de partida de sua trajetória. As categorias que subtitulam a obra se referem, respectivamente, a discussões do movimento feminista, a leituras foucaultianas e ao pensamento marxista. A partir delas é que a autora acessa uma questão e outra.

Federici enxerta a história das mulheres na história do capitalismo. Se ainda não o fizemos, o faremos: ler histórias de mulheres e fazer ler a partir de histórias das mulheres. A história das mulheres é a história das classes (Federici, 2017) – ao que acrescentaríamos ainda o cuidado dos plurais.

Ler Federici pelo meio faz as histórias das bruxas encontrarem as proposições de Foucault para corpo e poder. O encontro das bruxas com Foucault, lá pelas tantas da noite, lá pelo meio do livro, faz até presumir certa afinidade. Mas não é exatamente isso que narra Federici. Instiga especialmente que as críticas com as quais a autora introduz seu trabalho não reparem qualquer afinidade, mas demarquem, com boa acidez, apenas o antagonismo entre ambos. Mas, se à primeira leitura parecemos certas de que conjuraremos todo gesto foucaultiano, lá pelo meio do livro, as bruxas parecem inferir nos conceitos de Foucault um corte mais profundo do que sanguinolento.

Ensaio dizer que o livro engrenaria efeitos politicamente mais interessantes tomássemos essa crítica menos como interdição e mais como provocação. Assim, proponho-me a ler a crítica de Federici a Foucault; ler, a partir de Federici, as categorias privilegiadas de cada autor no estudo da virada à modernidade e as histórias que elas contam sobre o mundo.

Parece-me que investigar a crítica de *Calibã e a bruxa* a Foucault é um movimento em direção a levar a sério esse estudo, comprometer-se com o encontro com as bruxas e, dele, desdobrar as consequências. Não se trata,

assim, de vertê-las às histórias que já contamos sobre nossos mundos, mas tentar justamente o oposto: verter nossas histórias e nossos mundos a partir do que elas têm a dizer. Sustento que atravessar a questão a partir do corpo será sumamente necessário se nos quisermos rígosos frente ao problema que suscitamos pensar. As bruxas têm mais a dizer do que Federici pode delas falar. Interessaria a esse trabalho levar o livro a alguns de seus limites, testar algumas de suas hipóteses, estudar algumas das críticas que tece. Enredá-lo em teias mais espessas de pontos de partida e chegada: conceitos, acontecimentos, palavras, corporeidades.

Um Vento de bruxa

Círculo conspiratório

Invocar bruxas entre filósofos não é um grito histérico, mas histórico. Se Federici chega às bruxas é, sem dúvidas, para disputar o presente. Disputa, com isso, uma genealogia do capitalismo e também da história das mulheres. Usa um para operar o outro. O capitalismo, argumenta Federici, é um acontecimento incontornável para a história das mulheres, bem como a caça às bruxas é um acontecimento visceral para a história do capitalismo. Há uma descontinuidade na história das mulheres, precisamente na gestação do mundo capitalista. Uma dupla operação que põe a opressão contra as mulheres na gênese do capitalismo enquanto aponta o início das relações capitalistas como marco fundante da opressão contra as mulheres. Há um vínculo congênito, uma relação mutuamente fundacional entre essas histórias, um selo entre patriarcado e capitalismo que ainda é preciso decifrar.

Querela dos começos

Lê-se: o dinheiro é transformado em capital; do capital, produz-se a mais-valia e, da mais-valia, produz-se mais capital. Daí que a acumulação de capital pressuponha a mais-valia, a mais-valia pressuponha a produção capitalista e esta, ainda, só seja possível sob a condição de que haja de partida um grande acúmulo de capital e força de trabalho retido em poucos pares de mãos oligarcas. Um ciclo que se retroalimenta, em uma maquinaria viciosa. Pensar o início dessa engrenagem logo nos leva a supor um momento de acumulação prévia em que uma concentração foi forjada, sem a qual o capitalismo jamais se reproduziria. Com o mesmo papel que, para a teologia, tem o pecado original na condenação da uma história humana ao profano, diria Marx (2013, p. 785), a acumulação primitiva é a mácula primeira que torna possível as relações capitalistas.

A acumulação primitiva, a pré-história do capital, demonstra o que é matriz no capitalismo: terror e violência. As terras comunais, os rebeldes e o além-mar: terrenos de conquista de um poder que lhes pretendia sugar até o osso a vida para transformar-lhes em lucro. Marx (2013, p. 831) talvez o escrevesse como um parcelamento do solo e dos demais meios de produção, tido que o esquadrinhamento organiza corpos e espaço de modo a lhes delimitar formas e funções específicas. Sobre as terras comunais, pôs-se a cerca; à balbúrdia do cultivo de subsistência, reuniões, preguiça e festa, pôs-se ordem. Formas e funções específicas limpam terreno e corpo para garantir um produto ótimo, alcançado pelo aproveitamento último tanto de um quanto de outro no trabalho de produção.

E,oras, “deu-se, assim, que os primeiros acumularam riquezas e os últimos acabaram sem ter nada para vender, a não ser sua própria pele”

(Marx, 2013, p. 785). Deu-se, assim, que o proletário nada tivesse a oferecer. Não disporia de bem algum senão de sua própria força de trabalho e de sua prole, condição que lhe cunha o próprio nome. O proletário tem a si e a sua família a vender ao capitalista que, uma vez em posse dessas vidas, digo, força de trabalho, o enxerta nas máquinas de fazer dinheiro. O proletário, formalmente livre, mas praticamente exaurido do dispêndio que é vender sua força de trabalho, retorna da fábrica ao seio de sua família; recebe apenas o lapso de vida que lhe é próprio ao encontrar filhos e mulher, com vassoura e louças dispondo um espaço intervalar à velocidade da linha de produção. O que chamam de amor, nós chamamos de trabalho não remunerado, sorri Silvia (Tzul Tzul, 2017).

É certo que, desde Marx, para ativistas e acadêmicos, tem sido passo obrigatório remontar à gênese do capitalismo, convencidos de que a primeira tarefa na agenda do mundo é fazer alternativa à maneira que ele se organiza (Federici, 2017, p. 23). O que está em jogo em *Calibã e a bruxa*, portanto, é também uma querela² dos começos. O que está em jogo é grifar, a partir de uma perspectiva feminina, os acontecimentos que traçam o germinar do capitalismo para forjar novas ferramentas de redesenhar o atual. Temos parido, sem poder abortar, a força de trabalho. Temos diariamente trabalhado sem salário na reprodução da vida que, nesse mundo, tão pouco dura antes de ser devorada pelo capital. Silvia Federici disputa, entre outros autores, o trabalho de parto do mundo capitalístico no intuito de fazer nascer uma perspectiva a mais.

Ora, se Federici lê Marx, o faz certamente modulando algumas divergências. Acaba por descobrir que um ponto de partida feminista à história implica fundamentalmente uma redefinição das categorias a serem analisadas, justamente porque recoloca todo seu processo de formação. Sem dúvidas, muitas, as heranças de Marx, mas foi necessária uma divisão sexual do trabalho para que o capitalismo acontecesse, diz Silvia. O que esta divisão invoca, de saída, é a cisão entre trabalho e vida doméstica a fim de que se libere os fluxos de capital para sua livre circulação.

Ocorre que o divórcio entre produção e reprodução não se dá ao acaso, mas constrói-se sobre uma diferença de gênero fazendo acumular, sobre masculino e feminino, desigualdades gritantes. O negroito é que há um agenciamento retroalimentar entre capitalismo e patriarcado, como bem demonstra Federici no curso de suas pesquisas. E que, em última instância, há uma necessidade de que a mulher ocupe o lugar a que ela se designa, uma vez que este lugar é o de reprodução da força de trabalho sem a qual não há produção de capital.

A caça às bruxas é, assim, uma pista primordial nessa cartografia. O capitalismo surge – contam-nos as bruxas – como uma resposta às lutas camponesas e, sobretudo, às possibilidades que estas mesmas faziam despotar. Ora, o que há de incontornável para Federici é precisamente que a transição para o capitalismo, na verdade, teria de ser lida enquanto uma contrarrevolução, dado o esforço de erradicar as vias abertas pelas lutas camponesas. As elites europeias tiveram de destruir todo um modo de existência que, na Baixa Idade Média, ameaçava-lhes o poder político e econômico (Federici, 2017, p. 368). Destruir, assim, todos os modos de vida incompatíveis à disciplina e à ordenação do *socius* pelo trabalho. E destruição, aqui, é denotativo.

Em resumo, argumenta a autora, há uma divisão sexual do trabalho

que divide os trabalhos produtivo e reprodutivo de modo que, amparado da degradação do lugar da mulher, o trabalhador esteja o mais livre do cuidado de sua existência quanto possível para empregar-se na produção de valor capital – ou, ter seu trabalho útil extraído – e que o trabalho doméstico seja tão sem valor a ponto de que não antagonize com o trabalho produtivo. A história das mulheres é a história das classes. Pois bem, se a divisão de classes é necessária para que o corpo proletário produza um mais-valor do qual não toma parte nos dividendos, assim também a divisão sexual do trabalho: cliva trabalhador de suas condições de trabalho e vida, produzindo uma clivagem dentro da própria classe proletária. Ora, o que podemos perceber é que também a divisão entre gênero, o patriarcado do salário, presta continência a uma organização capitalística da vida porque garante que o corpo proletário masculino opere, disciplinado, tão somente sobre aquelas atividades produtivas ao capitalismo. Os efeitos disso é que a disciplina do trabalho só pode ser forjada a partir de um trabalho de manutenção incumbido às mulheres. Ou: a feminilidade é a produção de uma forma-corpo e uma função-trabalho que cuida caprichosamente da reprodução da maquinaria capitalística.

Por que, ainda hoje, é necessário refazer a história das mulheres? A grosso modo, pode-se dizer que, ao eleger “mulheres” enquanto categoria de análise, Federici (2017, p. 31) as elege também como protagonistas e argumenta em favor do privilégio desta ferramenta. É que, se o capitalismo se funda nas engrenagens de um corpo “feminino” – forjando, às mulheres, uma identidade sexual e suas funções – ainda não podemos transcender o gênero para travar as discussões contra o patriarcado nem tampouco contra o capitalismo.

Nossas existências são, de certa forma, residuais dos processos produtivos que lhes articularam historicamente: a pertinência de operar a história a partir do gênero será a de investigar o passado partindo de certos resíduos – recolhidos, aqui, a partir dos corpos feminizados. Pistas inscritas nas peles depiladas, na gordura lipoaspirada, nos úteros catequizados, na leitura matinal das revistas de beleza. Pistas até nos corpos femininos de plástico: os manequins tamanho pp, as bonecas infláveis louras, parte de todas nós.

Federici (en)contra Foucault

A condição para o acúmulo de capital foi tanto a expropriação de terras quanto a expropriação dos corpos femininos. Foi necessário, assim, expropriar os corpos femininos – cercá-lo com limites e interdições e, ao mesmo tempo, fixar nele algumas engrenagens fundamentais – para que os fluxos do capital fossem garantidos. Necessário expropriá-los, travar uma luta contra as mulheres, para liberar seus corpos de obstáculos que lhes impedissem de funcionar como máquinas para produzir mão de obra. O capitalismo incide aí, na produção desse corpo feminino, e o maquina para uma quase livre circulação dos fluxos capitais, bem como o faz com o cercamento de terras. Trata-se de um violento, embora engenhoso, trabalho de intervenção: tão essencial quanto os cercamentos. À mulher, seu corpo: linha de montagem da força de trabalho.

Os invisíveis do corpo dócil são os corpos queimados na fogueira, torturados, escravizados e exterminados nas fogueiras e nas colônias. Instaurada a balbúrdia: há ainda mais segredos sobre corpo e acumulação primitiva. Segredo matriciais.

O que Foucault teria aprendido, não tivesse caído no sintomático es-

² Aqui, faço referência às querelles des femmes, movimentos que colocam em questão a posição das mulheres na sociedade e que movimentam, sobretudo, debates sobre a desigualdade entre homens e mulheres. (Federici, 2017, p. 200).

quecimento das bruxas caçadas pela história, é que a “história não pode ser escrita do ponto de vista de um sujeito universal, abstrato, assexuado. Além disso, teria reconhecido que a tortura e a morte podem se colocar a serviço da ‘vida’, ou melhor, a serviço da produção da força de trabalho, dado que o objetivo da sociedade capitalista é transformar a vida em capacidade para trabalhar e em ‘trabalho morto.’” (Federici, 2017, p. 36). Sim, faz-se viver! E, no entanto, continuam fazendo-nos morrer.

Uma aprendizagem ou *Malleus Maleficarum*

37 menções a Foucault

37 menções a Foucault no decorrer de algumas centenas de páginas.

O que Foucault teria aprendido se tivesse partido da história da luta das mulheres? (Federici, 2017, p. 36). O acontecimento que dá partida às formulações de Foucault privilegiam certos tantos aspectos. Certos tantos nódulos de tensão de seu tempo, de seu corpo. Seu ponto de partida, o acontecimento enquanto analisador, evidencia certa diagramação do jogo de poder. Ora, essa parcialidade de perspectiva é justamente seu privilégio uma vez que o aterra, o localiza, contorna seus relevos. E apenas isso, a singularidade, é o que pode testemunhar por seu rigor, por sua consistência e pertinência enquanto trabalho. Ao não incluir a parcialidade enquanto método, todavia, desdobra-se dela uma descrição universalizante do poder e abstrativa do corpo (e vice-versa). E se Foucault fosse mulher... Tentemos, então, realizar essa hipótese: Foucault mulher – há urgência em toda fala. Urgência no tornar-se mulher de Foucault.

O que podemos aprender sobre o desdobramento capitalista, passado e presente, quando examinado sob perspectiva feminista?³ Fazer história de uma perspectiva feminista é, antes de reivindicar o gênero, marcar a partir de onde se faz qualquer história; demarcar a parcialidade necessária de todo ponto de partida. É, de saída, demonstrar que mesmo no que se chama universal há um corpo, há uma ou várias marcas locais e assim defender que uma história feita a partir de um corpo *de mulher* não é menos objetiva, menos rigorosa do que qualquer outra: há sempre carne, há sempre corpo, há sempre história na composição de uma perspectiva. Essa análise, assim, subverte a objetividade científica argumentando que enquanto ela se baseia em uma pretensa neutralidade – o que Donna Haraway (1995) chama por olhos de Deus – não se trabalha no sentido de sua objetivação, mas, ao contrário, sentido a sua desarticulação. Objetividade, então, passa a ter a ver com as conexões, as localidades, as coordenadas territoriais que compõem uma investigação. Quanto mais articulado de suas localidades, mais objetivo torna-se um estudo.

Bem como a perspectiva de Calibã foi outrora um recurso para recontar a narrativa do Próspero de Shakespeare – tendo um importante papel nas lutas decoloniais – há um importante argumento em Federici que é o de afirmar o disciplinamento das mulheres enquanto um acontecimento a partir do qual se pode aprender também sobre o disciplinamento do proletariado masculino. O disciplinamento das mulheres faz parte da história de todos nós, independentemente do gênero sob o qual inscrevemos nossa identidade, dado que o processo de montagem do corpo de trabalho – os corpos dóceis, disciplinados – é gestado também na guerra contra as mulheres. Se Silvia parece escandalizar com um grito que diz “a história das mulheres é a história

das classes” (Federici, 2017, p. 31), não pretende com isso militar por um novo horizonte universal da História, mas afirmar que a caça às bruxas nos concerne por estar na instituição mesmo do capitalismo. Precisamos também de mais essa perspectiva para o enfrentamento ao capitalismo. E, no entanto, afirmá-lo não significa dizer que precisamos de mais *apenas* essa. É antes – o que parece ser a maior aprendizagem de uma perspectiva feminista – o compromisso com a parcialidade, com o inacabamento, com a fractalização perspectiva, com a proliferação de versões da história. É à companhia do proletariado masculino – bem como à companhia dos outros movimentos minoritários – que esse livro se escreve.

Trata-se, portanto, de desfazer o feitiço da imperceptibilidade – a neutralidade – e desfazer a fusão entre as histórias feminina e masculina – que, como sabemos, não apenas funde uma a outra como confunde a versão masculina como a História Universal. Quando Federici parte da história das mulheres, está realizando todos esses movimentos, ainda que nem sempre explicitamente. A todo tempo, estamos relendo as histórias que formularam nossa realidade a partir de eventos recalçados, esquecidos, ignorados.

As consequências da pretensa neutralidade, ao que sustenta Federici e ao que ecoam as feministas, é, primeiramente, a confusão de uma história do homem europeu por uma história universal. Isso se desdobra, a seguir, em análises do capitalismo, das técnicas de poder e das disciplinas mais desencarnadas e, com efeito, menos articuladas, menos interessantes: politicamente menos consistentes. A lembrança à caça às bruxas, portanto, inscreve uma polifonia à história da disciplina, à história da sexualidade e, enfim, à história do capitalismo.

Acumulação primitiva de desigualdades - a misoginia é uma caça à indisciplina

As mulheres o sentem e dizem – se Foucault fosse mulher – mesmas palavras em outra voz – teria sabido, não teria esquecido, teria grifado a caça às bruxas no mínimo em um livro inteiro. Foucault faz uma história indiferenciada e, ora, “o Poder que produz o corpo aparece como uma entidade autossuficiente, metafísica, ubíqua, desconectada das relações sociais e econômicas, e tão misteriosa em suas variações quanto uma força motriz divina.” (Federici, 2017, p. 34). A história das mulheres faz incontornável o problema da violência. Foucault, diz Silvia, a partir dos acontecimentos que toma por privilegiados e omissões históricas colossais, não consegue notar como o horror e a repressão podem se colocar a serviço da vida. Silvia insiste – se Foucault fosse mulher, não poderia ter-se esquivado do caráter expressamente repressivo, denotativamente destrutivo na administração e produção das forças vitais.

Federici admite a importância dos estudos de Foucault e toma o disciplinamento do corpo como marco para o capitalismo. A autora reafirma a criação da disciplina-trabalho como marco essencial para um proletariado engajado na produção. É o corpo a primeira máquina do capitalismo moderno. É a produção do corpo, portanto, o trabalho de engenharia e construção da máquina capitalística por excelência.⁴

O disciplinamento é, pois, a criação de uma memória corporal feita na medida e sob demanda do trabalho. A disciplina cria no corpo, assim, a medida do trabalho: uma memória corporal, uma subjetivação, um disciplinamento.

³ Ver Federici, 2017, p. 25.

⁴ Ver Federici, 2017, pp. 166, 240, 247, 249, 268, 271.

Decerto, é via atuação das instituições disciplinares que o corpo é moldado. Bastante acertada pois, dirá Silvia, a intuição foucaultiana de investigar as histórias de produção dos corpos a partir das instituições que o realizam. Mas também no corpo proletário coletivo – aqui tomado como semelhante ao corpo dócil cuja produção descreve Foucault – são esquadrihadas divisões. O corpo proletário coletivo é dividido e arregimentado: a proletarização é fractalizada em muito mais relações do que apenas aquela entre patrão e trabalhador. Dessa maneira, as divisões multiplicam-se e acumulam-se desigualmente nos corpos enquanto desigualdades. O que percebemos é que os processos de disciplinamento são situados, localizados e estão sempre em vias de transformar as diferenças em subalternidade e lucro. Portanto, investigar as histórias da produção de corpos úteis para o capitalismo requer também minúcia de aprender que não poderemos contar uma única história desse corpo servil.

O processo de subjetivação da disciplina capitalística, o processo de corporização da função trabalho só se forja a custos de derramamento de sangue. Sublinhe-se como evidência disso a estranhíssima coexistência dos algoritmos e o marketing de big data a acontecimentos dignos da acumulação primitiva narrada por Marx.⁵

O abate dos animais sem memória – os indisciplinados, os selvagens, os inumanos, os imorais – é um acontecimento matricial para a emergência de um corpo memorativo – da disciplina, da civilidade, da humanidade e de sua distinta moralidade. As palavras de Nietzsche na voz de Silvia: “Foram necessários o sangue e a tortura para ‘criar um animal’ capaz de um comportamento regular, homogêneo e uniforme, marcado a fogo com o sinal das novas regras.” (Nietzsche, 1965 como citado em Federici, 2017, p. 262).

Silvia segue saltando de uma referência a outra no desenvolvimento da “máquina humana” (Federici, 2017, p. 267) demonstrando que este foi não somente o mais importante salto tecnológico do capitalismo na produção como foi também um trabalho em comum entre a anatomia e a fábrica, a família e a igreja, a sexualidade e a escola. Uma co-parentagem entre as instituições na criação de corpos bem ajustados. Esse processo tem suas funções e sentido evidenciados, segundo a autora, pela análise da acumulação primitiva. A acumulação primitiva, em palavras de Silvia (2017, p. 121), é um procedimento pelo qual acumulou-se tanto trabalho morto – na forma de bens roubados – quanto trabalho vivo – na forma de seres humanos colocados à disposição para a exploração capitalista. Ora, essa reaproximação a um capitalismo ainda em vias de se fazer auxilia a investigação no tanto que ajuda a perceber em busca de quais efeitos, criam-se as divisões, as organizações e as funções entre a população campesina na sua transformação em proletariado. Retomar a acumulação primitiva, assim, grifa os efeitos capitais que as operações político-subjetivas de nosso tempo têm.

Novamente Silvia fraseia o problema do biopoder – Foucault usou a noção de biopolítica para descrever uma nova forma do poder que surgiu na Europa

no século dezoito e foi exercido a partir da regulação do processo vital, tal como [a administração] da saúde, da doença e da procriação⁶. O capitalismo, desde seus começos e no processo de se firmar como uma operação autossuficiente, vê-se no impasse entre a necessidade de maximização da exploração versus sua necessidade de reprodução. Quer dizer, se por um lado há de se lucrar o máximo possível fazendo uso de quais meios forem necessários, por outro, a maximização da violência do capital põe em risco o contingente de matéria prima do lucro: a vida, o acúmulo de força de trabalho. A maximização da violência esbarra no perigo das crises populacionais. Assim, a extorsão da força de trabalho, ou a transformação das forças vitais em trabalho, como a autora argumenta, segue sempre sua tendência escravocrata e genocida, sofrendo desvios apenas no ponto em que ameaça extinguir a força de trabalho – as crises populacionais são crises de reprodução do capitalismo⁷.

E, ora, Federici finalmente chega ao ponto que queríamos, desde o início, chegar. A expropriação dos corpos das mulheres e de sua capacidade reprodutiva pelo Estado foi o início da regulamentação, da administração estatal de seus ‘recursos humanos’. Assim sendo, esse processo foi também sua primeira intervenção ‘biopolítica’ na leitura foucaultiana do termo e, finalmente, sua primeira contribuição para a acumulação de capital na medida em que é, essencialmente, a multiplicação do proletariado.⁸

“Descobrimos que as hierarquias sexuais quase sempre estão a serviço de um projeto de dominação que só pode se sustentar por meio da divisão, constantemente renovada, daqueles a quem se pretende governar”. (Federici, 2017, p. 18). Ora, temos visto, uma divisão sexual do trabalho torna a classe proletária mais facilmente governável, porque produz trabalhadores mais facilmente exploráveis. O disciplinamento, assim, é um investimento na administração desta querela. O imbróglio entre produção e reprodução. Trabalho vivo e trabalho morto.⁹

Posto que os corpos femininos são tomados a serviço de um trabalho reprodutivo, a sexualidade feminina, finalmente, não poderia ser contada a partir de uma história da sexualidade feita indiferenciada. Ora, uma perspectiva feminista desta história demonstra como já haveria um verdadeiro catecismo sexual em curso na Idade Média e a gestação de uma política da sexualidade sobre os corpos femininos.

A autora reivindica a caça às bruxas e a concomitante demonização da sexualidade feminina como acontecimento privilegiado, uma vez que expressa com precisão a virada do poder para a produção e administração da vida. A caça às bruxas produz uma feminilidade submissa e procriativa, a morte das mulheres pervertidas e, em consequência, um proletariado mais produtivo.¹⁰ Parece haver – dirão as bruxas – uma relação muito peculiar entre o entre o desmantelamento das relações comunitárias e a demonização de membros das comunidades afetadas. Isso faz com que a caça às bruxas seja um instrumento efetivo de privatização econômica e social.¹¹

⁵ Ver Federici, 2018, pp. 13-4.

⁶ “Foucault used the concept of ‘biopolitics’ to describe a new form of power that emerged in Europe in the eighteenth century and was exercised through the regulation of life process, such as health, disease and procreation”. (Federici, 2019, p. 24).

⁷ Ver Federici, 2017, pp. 121-22, 161.

⁸ “At the same time, the state’s appropriation of women’s bodies and their reproductive capacity was the beginning of its regulation of ‘human resources’, its first ‘biopolitical’ intervention, in the Foucauldian sense of the word, and its contribution to the accumulation of capital insofar as this essentially the multiplication of the proletariat.” (Federici, 2019, p. 17).

⁹ Ver Federici, 2017, p. 126.

¹⁰ Ver Federici, 2017, p. 344

¹¹ Ver Federici, 2018, p. 15.

A produção da mulher pervertida demonstraria uma outra versão da história da sexualidade.¹²

À interrogação do trabalho reprodutivo, Federici sintetiza alguns conceitos. Aqui, parecem-me que patriarcado do salário, disciplinamento das mulheres e divisão sexual do trabalho surgem como operações conceituais e importantes inflexões sobre os trabalhos de Marx e Foucault.¹³

O disciplinamento das mulheres faz dois problemas aparecerem para Federici. O problema do biopoder – na *produção* de corpos dóceis; na *administração* da vida – e o problema da acumulação primitiva – uma vez que diz de um movimento de extermínio, e não apenas produção e administração, contra os corpos femininos. Assim, é que desdobramos a transversalidade entre as vias críticas. Pensar a história das mulheres faz urgente pensar um corpo e seus processos de feitura. Que, por sua vez, não pode escapar de ambas as marcas da disciplina e da violência e, portanto, de leituras do biopoder e da acumulação primitiva. As mulheres são o sítio privilegiado de reprodução do mundo tal como o conhecemos. Daí que das análises de Federici desdobrem-se pontos antes invisíveis a Marx e a Foucault: o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho, a construção de uma nova ordem patriarcal (assalariada) e a mecanização dos corpos proletários.

A divisão sexual do trabalho é uma investida para garantir a reprodução autossuficiente do capitalismo. O trabalho de reprodução do capitalismo, logo, se baseia em um processo de proletarianização autossustentável e isso depende literalmente de um serviço uterino das mulheres. Assim, a função mulher do trabalho não só garante a mão de obra, como é fundamental ao processo de produção de corpos dóceis e repressão de corpos rebeldes. A conquista do corpo feminino continua sendo uma condição atual para o capitalismo pelo lugar privilegiado à criação de vida (força de trabalho) que as mulheres têm. A conquista do corpo feminino continua sendo – atualmente – determinante para a acumulação de capital.¹⁴

A desigualdade entre os gêneros, uma acumulação desigual de desigualdades, trava uma relação de pressuposição recíproca com a acumulação de capital. É só com uma posição degradada das mulheres – resumida no patriarcado do salário – que se pode forjar uma máquina de reprodução de força de trabalho que garanta ritmo e previsibilidade industriais. Frente a toda crise reprodutiva, atualizam-se as tecnologias de poder do disciplinamento das mulheres. A cada nova crise de reprodução do capitalismo, uma nova estratégia de disciplinamento e guerra contra as mulheres se faz necessária. As evidências de nosso tempo não nos permitiriam a esquiva: tortura e morte, fogueira e repressão fazem parte essencial do jogo de fazer viver – força de trabalho.

A violência não é residual, mas matricial, reprodutiva, *mater*: mãe do

capitalismo. A violência vem antes na lógica capital (ainda que apareça concomitante a outras tecnologias do poder).¹⁵

Descobrimos em sabá: a feminilidade é uma função-trabalho. Ser mulher é uma ocupação, um labor, um ofício – tal como ser proletário. Isso que chamamos instinto materno, capricho, toque feminino, relógio biológico, amor. A tudo isso que se naturaliza ou se sedimenta enquanto próprio da mulher, demos seus nomes próprios: trabalho de reprodução, função sexual do trabalho. A mulher é uma função-trabalho, a sexualidade feminina é uma função-trabalho. As identidades coloniais, todas elas também funções de trabalho: subjetivações identitárias são um exercício do inconsciente a serviço do capital, um trabalho também, portanto. Há proletarianizações fractais operando máquinas, que sempre são de gerar lucro. A misoginia, em nosso caso, tem muito bem deliberadas as reprimendas contra as mulheres que não exercitam suas funções como devem. No limite, há sempre a fumaça das mulheres antes de nós e as notícias das mulheres a nosso redor para no *olvidar* – quando abrir as pernas e quando fechar, quando abrir a boca e quando silenciar. Tudo isso é ofício – enfiado goela abaixo, encenado nas novelas, exposto nas revistas, ensinado desde menininha. Busco rapidamente em minha mochila um livro que nunca saiu de lá. Com Clarice Lispector e o Martelo das feiticeiras em mãos: uma aprendizagem ou *Malleus Maleficarum*¹⁶.

Uma ou várias bruxas contra o capitalismo

Colonização co-extensiva

Bruxas eram, literalmente, modos de vida concorrentes à disciplina capitalística.¹⁷ Um corpo, para se transformar em máquina de trabalho, teve de matar seus desvios. Um corpo coletivo, para se tornar disciplinado ao trabalho, teve de matar as mulheres. Isso significaria dizer tanto que há um trabalho de disciplinamento do corpo que burila os detalhes e erradica a indisciplina – a rebeldia – quanto que há um trabalho que casa com este primeiro de erradicar aqueles corpos que são indisciplinados em demasia.

Há uma violência primária em toda disciplina. Um derramamento de sangue simultâneo ao esquadrinhaamento do corpo. Há fogueiras que coexistem às réguas. É por isso também que o surgimento dessa nova tecnologia do poder não significa um progresso entre a destruição em direção a armas mais sofisticadas. Para se re-atualizar, o capitalismo dispõe sempre de um trabalho de forjar acúmulo, de expropriar vidas. A atualização capitalística não é tanto progressiva, como é cumulativa de estratégias e tecnologias de poder.

O capitalismo necessita de corpos previsíveis e confiáveis, replicantes e

¹² Ver Federici, 2017, p. 349.

¹³ Ver Federici, 2017, p. 129.

¹⁴ Ver Federici, 2017, p. 367-8.

¹⁵ “O empobrecimento, as rebeliões e a escalada do ‘crime’ são elementos estruturais da acumulação capitalista, na mesma medida em que o capitalismo deve despojar a força de trabalho de seus meios de reprodução para impor seu domínio. O fato de que as formas mais extremas de miséria e de rebeldia tenham desaparecido nas regiões europeias que se industrializaram durante o século XIX não é uma prova contrária a tal afirmação. A miséria e a rebeldia proletárias não pararam ali; apenas diminuíram ao grau em que a superexploração dos trabalhadores teve que ser exportada, por meio da institucionalização da escravidão, num primeiro momento, e, posteriormente, por meio da expansão da dominação colonial.” (Federici, 2017, p. 161).

¹⁶ *Malleus Maleficarum* (Kramer & Sprenger, 2014), que a depender da tradução varia entre *Martelo de Bruxa* ou da Feiticeira, foi um dos mais importantes e contundentes escritos a respeito das bruxas, de seus fazeres e heresias. O documento tem papel irrevogável enquanto manual de identificação, justificação, punição e tortura das mulheres percebidas bruxas.

¹⁷ “The witch was the communist and terrorist of her time, which required a ‘civilizing’ drive to produce the new ‘subjectivity’ and sexual division of labor on which the capitalist work would rely on.” (Federici, 2018. pp. 33, 27).

replicáveis para se impor e se reproduzir.¹⁸ A luta contra o corpo rebelde (ao que Federici chama *repressão*) é também a luta de constituição de um certo corpo-organismo-disciplinado-trabalhador (ao que chamaria *produção*). O corpo organismo, dócil e confiável para a função trabalho, é o resultado tanto de uma dimensão produtiva do poder, quanto da aniquilação de corpos rebeldes. Tudo acontece como se uma história apenas não dissesse o suficiente sobre o que foi colonizar. Há como que uma colonização co-extensiva que cinde os corpos a partir de certas diferenças – sobretudo aquelas diferenças que podemos observar e vigiar para então punir – e sobre elas acumula desigualdades. A colonização como gênese das desigualdades. As desigualdades como gênese do capitalismo. As divisões – de gênero, de raça, de sexualidade, de capacidade e assim por diante – no proletariado têm a função de multiplicar o processo de proletarização. Multiplicar, pela fractalização, a colonização. Multiplicar no tempo e no espaço. Torná-la perene e sintomática. Reincidente.

Funções corporais de trabalho

Os grandes cercamentos¹⁹ – episódios descritos por Marx em seu capítulo sobre a acumulação primitiva e relatados por Federici como reincidentes nos dias atuais em países pobres – se desdobram na finalidade de liberação de certos fluxos. Uma vez operado em nome do capital, a liberação da qual se trata nesse caso é a da reserva de trabalho e, portanto, dos fluxos de capital. Assim, a violência de expropriar, destituindo as terras dos usos comuns, concomitante ao cercamento de um espaço, produzindo um local pelo contorno das cercas. Atos que se atravessam: o de cercar e expropriar.²⁰ O que as investigações sobre essa história das mulheres nos faz perceber é que há um mecanismo deveras semelhante a este, característico da Acumulação Primitiva de capital, responsável por lançar bruxas à fogueira e circunscrever em tamanho e ato a feminilidade. A caça às bruxas, segundo demonstrado por Federici é extensiva dos grandes cercamentos e vice-versa. A violência de castigar na fogueira concomitante à produção de uma identidade feminina servil ao trabalho.²¹ A violência de expropriar as terras de seu uso comum concomitante ao cercamento que esquadriha o espaço e localiza. O processo primeiro, este que inaugura o capitalismo, remete então a grandes expropriações e cercamentos: físicos, metafísicos e microfísicos. Nos fazendo supor, a essa altura afiadas de palavras, que o capitalismo opera por meio do primado de uma *colonização co-extensiva*²². As relações de trabalho, assim, se organizam desde a inauguração do capitalismo tanto a partir do chão de fábrica quanto a partir das *plantations* (Mbembe, 2018). A cena inaugural é composta tanto de terror quanto de disciplina. A morte final e as mortes diárias: ambas em função da sobrevivência do capital. Em 2019, o inimigo é todo o sul, todo negro, toda mulher, toda selvageria, todo trabalhador, todo corpo que pulsa, toda experimentação que mistura, toda vida que desvia.

Disciplinamento do corpo diz respeito a um processo de transformação do corpo em máquina e força de trabalho. Colocar o trabalho ao lado do disciplinamento permite Federici demonstrar que o disciplinamento, apesar de ser a inauguração de uma tecnologia, não é independente da lógica do capital. Propõe com isso, finalmente, que leiamos um pelo outro. Explico: analisar o trabalho pela tecnologia disciplinar que se inscreve nos corpos atualiza, corporifica o trabalho. Torna-se possível enxertar – e, consequentemente, enxergar – a diferença dentro do ciclo vicioso do capitalismo. Trabalho ganha um plural: *funções-trabalho*. Por outro lado, ler a disciplina a partir das funções trabalho, lhe confere uma tradução em termos econômicos. Ambos ganham corpo. A organização e distribuição de *funções-corporais-de-trabalho*, poderíamos assim sintetizar.

Os corpos precisam se transformar em máquinas, em funções-corporais-de-trabalho. Funções, no plural, porque os trabalhos não são os mesmos. Os corpos são diferentes e, sobre estas diferenças, é necessária a inscrição de desigualdades. Os corpos dos trabalhadores sofrem degradações diferentes ao vender sua força de trabalho. Às mulheres europeias um processo de feminização, a produção de uma identidade feminina, de uma subjetividade feminizada, de um modo de fazer e querer também feminizados. E a concomitante guerra contra seus corpos, violência contra seus atos, degradação de tudo aquilo que se entenderia por feminino.

A luta das mulheres, assim insisto, coloca o problema do comum. Coloca o problema do conectar-se, do habitar, co-existir, experimentar. Coloca o problema do viver. Coloca esses problemas. Ainda porque esta é senão *uma* história de mulheres. Há muitas outras a se contar: a partir de outros marcadores de diferenças. As bruxas são as terroristas, as comunistas de nosso tempo. São os traficantes, os funkeiros, as prostitutas, os transviados. Aprender com as bruxas é aprender, então, que a gênese de nosso mundo não tem apenas uma versão. Será preciso aprender insistentemente as novas versões de nossas histórias. As histórias de bruxa são essas: histórias das rebeldias, das resistências. As histórias das bruxas agenciam uma comunidade trans-histórica, que transitam entre espaço e também no cronos, para dar de comer aos rebeldes de todos os tempos. A dar de beber aos heréticos de todas as épocas. A dar liame pra loucura e espaço pros feitiços.

Considerações finais ou carta a corpos rebeldes

Marx nos manuscritos de 1844 é um vitalista. Escreve: algo que é da ordem do viver, da ordem da garantia e expansão da vida – o trabalho, a invenção, a produção, a criação, a feitura – se torna capital pois sujeito à universalidade da privatização enquanto experiência no *socius*. (Marx, 2010) Descola-se e é estranhada do trabalhador/criador/produzidor. Algo que pudera inscrever-se

¹⁸ Ver Federici, 2018. p. 21-2.

¹⁹ “Enclosures were an English phenomenon whereby landlords and well-to-do peasants fenced off the common land, putting an end to customary rights and evicting the population of farmers and squatters that depended on them for their survival.” (Federici, 2018. p. 16).

²⁰ Ver Federici, 2017, pp. 50, 131-2, 163.

²¹ Sobre esse tema, Flora de Tristán, 4 anos antes da publicação do manifesto comunista, já discutia em sua União Operária algo semelhante a um “trabalho reprodutivo”: “Repito, a mulher é tudo na vida de um operário: como mãe tem influência sobre ele durante a infância; é dela e unicamente dela que ele adquire as primeiras noções desta ciência importante a adquirir, a ciência da vida, esta que nos ensina a viver de forma conveniente para nós e para os outros de acordo com o meio em que o acaso nos colocou. – Como amante ela tem influência sobre ele durante toda a juventude, e que ação poderosa poderia exercer uma jovem bela e amada! – Como esposa, tem influência sobre ele por três quartos de sua vida. – E por fim, como filha tem influência sobre ele durante a velhice.” (Tristán, 2015. p. 121-2).

²² Ver Federici, 2017, p. 162-3.

em um plano conectivo de efeitos vitais – multiplicando vida, multiplicando vida – se inscreve a uma relação (ou regime) monogâmica(o) absoluta(o) universal totalitária(o) fiel simbiótica com o capital. Estamos, assim, a partir dos disciplinamentos, casados em absoluta e universal totalidade. Fiéis à simbiose capitalística de desefetivar a vida ao passo que efetiva-se (a função-trabalho) em forma-trabalho-morto.

A forma trabalho-morto, são não somente os produtos, também as identidades coloniais. São os cristais, os resíduos de um processo alienado, esquecido, invisível. Ser a mulher, portanto, – a bela, recatada e do lar – é tocar a morte em vida. É ser trabalho morto. Tentá-lo ser, ao menos. Aí a armadilha da mulher. Do tornar-se mulher. Do devir mulher.

Vir a ser mulher só funcionaria no sentido de um devir, um tornar-se feminista do masculino e do feminino – um tornar-se que, justamente, não se dá nem em um nem em outro pólo das identidades coloniais. Só funciona enquanto devir revolucionário, enquanto um rebelar-se. Todas as palavras seguidas de ponto final são perigosas.

Devir mulher para um homem pode ser libertador ao passo que chamar-se *mulher*, ter sido chamado *mulher*, ou melhor: ter-se transformado como mulher (socio-historicamente, corpóreo-subjetivamente, epistemo-politicamente) não está exatamente no sentido de liberação, mas o contrário.

Assim, por mais que tornar-se mulher – afirmar a fofoca, o batom, a menstruação, a histeria, o cuidado, o corpo, o afeto, o território, a maternagem – seja muito potente, o é apenas na medida em que prescinde de sua função-trabalho e de sua disciplina capitalística. O é apenas na medida que desfaça os cercamentos e expropriações, as acumulações primitivas. Para um homem, “devir mulher” pode significar conectar-se com o corporal, com a minoridade, conectar-se com o comum – tudo aquilo que não é suficientemente importante para ser masculino – e dele cuidar. Pode ser um devir desindividualizante, que o abra para o mundo, e, assim, tarefa caríssima às filiações identitárias do homem branco, não deficiente, são, não viado, não louco, não marginal. À masculinidade, o contato com o feminino é uma possibilidade de devir algo de outro. Precisamente porque a masculinidade tem uma função totalizante, universal, colonizadora, mental (ou sem corpo), racional, civilizada, absoluta. (Não que qualquer homem jamais o seja, mas o fantasma do homem maior que deveriam ser está sempre ora incorporado ora o assombrando.) Então, encontrar o feminino, o parcial, local, colonial, corporal, emocional, o selvagem, o insuficiente pode ser uma experiência, sim, muitíssimo potente.

No entanto, para as mulheres – presas às cercas daquilo que foi tomado por “feminino”, expropriadas de tudo aquilo que exercesse poder “masculino” – o devir como experiência prática é outra coisa. Parte de outros pontos e portanto tem de responder de outras formas para ser efetivamente anti-capitalística. O movimento não será aprender a ser “como” essa mulher de que foi chamada, mas ser “com” as mulheres.

A rebeldia de mulheres e homens será encontrar-se e desaprender suas respectivas identidades coloniais. Teremos de deixar de fazer militância por palavras absolutas e slogans dogmáticos. Sem confundir isso com uma luta de quaisquer palavras e o vale-tudo. As palavras têm de ser precisas, atuais: no que tocam o problema e no que tornam-se obsoletas junto à passagem de seu tempo próprio. Não teremos salvação, tão apenas o presente, pereclitante.

Contra a indústria, somos corpo; contra o organismo somos máquina. Se nos quiserem neutras, somos mulheres. Queiram-nos mulheres, seremos

monstros. Feministas serão estas; serão monstros de corpo indiscernível, mas jamais amorfo, incalculável, mas jamais zerado, sanguinolentas, mas também sem filho, sem útero, sem ovário, com testículos, sem menstruação. Feministas é o nome que escolhemos nos dar pra fazer caber tanto as dores do que somos quanto as delícias do que queremos ser – e, com rebeldia, já somos.

Federici é marxista aos foucaultianos, foucaultiana aos marxistas e feminista com e contra ambos. Contra a anatomia, somos históricas. Contra a histeria, fazemos história.

Referências

- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (Sycorax, Trad.). São Paulo: Elefante.
- Federici, S. (2019). On Primitive Accumulation, Glocalization, and Reproduction. In: S. Federici, *Re-enchanting the World: Feminism and the Politics of the Commons* (pp. 15-25). Oakland: PM Press.
- Federici, Silvia. (2018). *Witches, Witch-hunting, and Women*. Oakland: PM Press.
- Gagnebin, J. M., Roque, T. & Rodrigues, C. (2018). *Elasim#* (Série pandemia). São Paulo: n-1 edições.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, (5), 07-41. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>
- Kramer, H; Sprenger, J. (2014). *O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum*. (25a ed.). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- Marx, K. (2013). A assim chamada acumulação primitiva. In: K. Marx. *O capital: crítica da economia política*. (Vol. 1, Cap. 24, pp. 785-830). São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. (2010). Trabalho estranhado e propriedade privada. In: K. Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos*. (pp. 79-91). São Paulo: Boitempo.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. (3a ed.). São Paulo: n-1 edições.
- Tristán, F. (2015). Por que eu menciono as mulheres. In: F. Tristan. *União Operária*. (pp. 109-131). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Tzul Tzul, G. (2017). *El Patriarcado del Salario: 'Lo que llaman amor, nosotras lo llamamos trabajo no pagado'*. Recuperado de <http://www.resumenlatinoamericano.org/2017/02/14/el-patriarcado-del-salario-lo-que-llaman-amor-nosotras-lo-llamamos-trabajo-no-pagado/>